

Perspectiva do turismo de lazer para a terceira idade no lugar Ponta da Tulha – Ilhéus – Bahia

Maria de Fátima Alves de Sena (fatima.sena@oi.com.br)*
Sócrates Jacobo Moquete Guzman (socrates@uesc.br)**

Resumo

Este artigo tem por objetivo levantar a potencialidade do lugar Ponta da Tulha para atração do segmento promissor e emergente denominado terceira idade. Para esta elaboração foi utilizado um breve levantamento em campo, bem como, através de visita *in loco*, uma acurada observação do ambiente. Tem o propósito, também, de apresentar um diagnóstico e um possível prognóstico da viabilidade de implantação de uma política de desenvolvimento local através do turismo considerado sustentável, minorando, consideravelmente, a sazonalidade, característica predominantemente negativa, quando da utilização desta atividade como principal, no lugar onde ela é instalada.

Palavras-chave: Idoso; melhor idade; ponta da tulha; terceira idade; turismo.

Abstract

This article has for objective increase the potentiality of the place Ponta da Tulha for attraction of the promising and emergent segment denominated third age. For this elaboration a brief data survey was used in field as well as, through visit *in loco*, a precise observation of the environment. It has the purpose of presenting a diagnosis and a possible prognostic of viability to implantate a politics of local development through the considered tourism sustainable. That reduces for too much the seasonal characteristic, predominantly negative when using this activity as main, in the place where it is installed.

Key-words: Aged; better age; ponta da tulha; third age; tourism.

Introdução

A preocupação com problemas ambientais decorrentes dos processos de crescimento e desenvolvimento econômico vem ocorrendo de forma lenta e diferencialmente entre diversos agentes, indivíduos, governos, organizações internacionais, entidades da sociedade civil etc.

Surge, a partir de 1983, através da Comissão Mundial de Meio Ambiente (CMMAD) criada pelas Nações Unidas, o novo modelo de desenvolvimento que a ele agregou o sentido de sustentabilidade e define-o como “atender as necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades”,¹ trazendo para reflexão a idéia de planejamento e ação, sempre considerando um prazo mais longo do que o de costume, incorporando um compromisso ético para com outras gerações. E, para alcançar estes objetivos, os seguintes princípios devem ser observados: equidade social, eficiência econômica e prudência ecológica (Ferreira, 2003).

E, a partir da concepção do conceito de desenvolvimento sustentável, no caso do turismo, este conceito passou a ser considerado como “aquele que atende às necessidades dos turistas atuais, sem comprometer a possibilidade do usufruto dos recursos pelas gerações” (Ruschmann, 1997 *apud* Ferreira, 2003, p.4). Este conceito está intimamente ligado à sustentabilidade dos meios natural e cultural, considerados como atrativos básicos do turismo e, como não podia ser diferente, associado às dimensões econômica e social.

O crescimento vertiginoso nos últimos anos do setor de turismo, que tem mostrado benefícios mensurados através da geração de empregos diretos e indiretos e do crescimento econômico dos núcleos turísticos receptores, disfarça os passivos socioambientais decorrentes desta atividade. A situação se torna mais grave ainda quando a prática do turismo ocorre em área que não tem qualquer

planejamento e, para o poder público local, não está caracterizada como “zona de interesse turístico”, como é o caso do lugar Ponta da Tulha, bem como, se a implantação do turismo não for realizada com a participação da população local, aí irreversivelmente, há a possibilidade de impactos negativos. Pode-se dizer que:

[...] o espaço produzido pela indústria do turismo perde o sentido, é o presente sem espessura, quer dizer, sem história, sem identidade; neste sentido é o espaço do vazio. Ausência. Não-lugares. Isso porque o lugar é, em sua essência, produção humana, visto que se reproduz na relação entre espaço e sociedade, o que significa criação. Estabelecimento de uma identidade entre comunidade local e lugar, identidade essa que se dá por meio de formas de apropriação para a vida. O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizatória produzindo identidade. Aí o homem se reconhece porque aí vive. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar se liga indissociavelmente à produção da vida. (Carlos, 1999, p.29).

Ferreira (2003) apresenta exemplos destes impactos totalmente percebíveis com o lugar em estudo:

- A destruição de espécies animais e vegetais, causada por situações como: aterramento de manguezais para a construção de moradias sem planejamento territorial urbano;
- A poluição gerada pela atividade turística. Um maior número de veículos, os quais emitem gases poluentes, comprometendo a qualidade do ar. Esta poluição atmosférica é acompanhada pela poluição sonora causada pelo barulho dos motores e do som dos carros em volume máximo e diverso, tornando-se um total desrespeito à capacidade de carga dos atrativos naturais, além do lançamento de esgotos em áreas

* Mestre em Cultura e Turismo na Universidade Estadual Santa Cruz (UESC), graduada em Economia e Administração de Empresa, Quality Engineering by ASQ.

** Doutor em Ciência Política, Mestre em Economia, Pesquisador do CNPq, professor da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilheus-BA, Brasil.

1. Conforme CMMAD – Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso futuro comum**, 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 1991.

de manguezal, lixo a céu aberto e ainda a escassez de água potável;

- Além do impacto do meio físico, existe a aculturação da população nativa, que se deixa influenciar por novos costumes e valores e substitui as atividades tradicionais (pesca, artesanato e agricultura) pelo trabalho no setor turístico, geralmente em funções mal remuneradas devido à sua baixa escolaridade e preparação para o novo mercado. Interessante alertar para que se deva levar em consideração também o desafio de preservar as identidades locais com o desenvolvimento do turismo; pois, a identificação dos autóctones de uma localidade com o turismo é um fator de grande importância para o sucesso desta atividade. A população nativa é a representação das raízes e do sentido de pertencer a determinado local;
- A comunidade nativa vende os seus imóveis para turistas ou empresários, transferindo-se para áreas periféricas do local e deteriorando cada vez mais a sua qualidade de vida.

Importante se faz a preocupação urgente para mitigar estes impactos negativos e sugestões de solução devem ser perseguidas, tais como: respeito ao meio ambiente natural; harmonia entre a cultura e os espaços sociais da comunidade receptora, sem agredi-la ou transformá-la; distribuição equitativa dos benefícios econômicos do turismo entre comunidade e os empresários do setor; formação de um turista mais responsável e atencioso, receptivo às questões de conservação ambiental e sensível às interações com as comunidades locais; responsabilizar o poder local pelas implementações das mudanças e tendo como requisito básico o envolvimento das comunidades locais através da gestão participativa, o que significa dizer que devem ser criados líderes formais (representantes de comerciantes, de pescadores, dos moradores, vereador, administrador local etc.) e líderes informais – aquelas

pessoas que sabem tudo sobre a comunidade e exercem influência sobre a opinião da comunidade (Ferreira, 2003). E acreditamos ser por aí a solução, a exemplo da Prainha do Canto Verde, litoral do Ceará, que, após muita luta e organização da comunidade, desfrutam de um turismo sustentável e a solução nasceu por exatamente haver a presença de líderes nas diversas áreas, tais como: Associação de Moradores da Prainha Verde, ONG Instituto Terramar e, por assim estarem organizados, puderam protestar contra a pesca predatória em 1993 através da ação comunitária de pescadores chamada “S.O.S. Sobrevivência”; também em 1995 nasceu o Fórum dos Pescadores do Litoral Leste, movimento social que luta pela participação dos pescadores no ordenamento da pesca, desenvolvimento do turismo e do gerenciamento costeiro. (Scharer, 2003). No caso da Ponta da Tulha, acredita-se ser esta uma das principais razões porque esse lugar se apresenta em condições inadequadas, justamente pela falta de representação através de líderes atuantes e enérgicos.

Por tudo o que foi relatado é que este estudo tem como principal propósito refletir sobre a perspectiva de projetar a atividade turística no lugar Ponta da Tulha, distrito de Arataguá,² no município de Ilhéus, Sul da Bahia (vide figura 1), para o segmento promissor e de demanda crescente chamada “Terceira Idade” e que poderá proporcionar impactos, por certo, em sua maioria bastante positivos para o lugar.

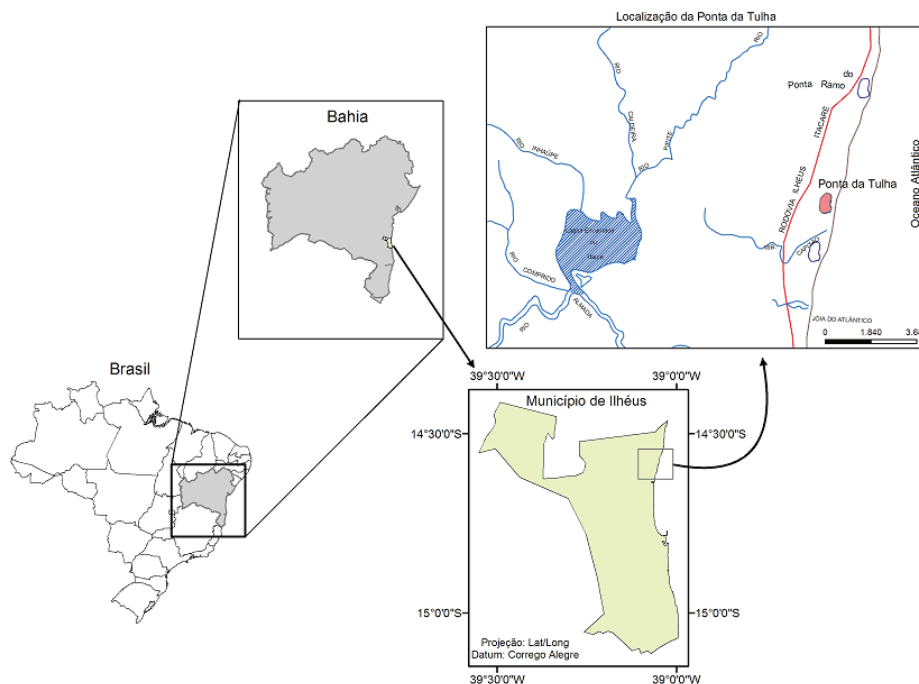
Para a elaboração deste artigo foi feito levantamento bibliográfico sobre o tema, bem como um preliminar levantamento de dados e uma acurada observação em campo com vista a permitir um maior discernimento na proposição que defende.

A terceira idade: conceito e perfil

Assim, para identificar esse segmento, faz-se necessário conceituar o termo “terceira idade”, cuja autoria se atribui ao francês Huet,

2. Conforme o último Censo do IBGE, (Ilhéus, 2000) o Distrito de Arataguá é composto pelos povoados de: Barra de Mamoan, Carobeira, Juerana, Ponta do Ramo, Sambaituba, Retiro, Queimada, Lagoa Encantada, Olímpia e Ponta da Tulha; tem uma população total de 9053 habitantes, equivalendo a 4% do município de Ilhéus.

Figura 1 - Mapa de localização



Fonte: CEDIC – em 20 jul. 2007

publicado em artigo em 1962 na revista *Informations Sociales*, que dedicou nesta época um número aos aposentados e logo ganhou aceitação e adeptos, pois se referiu às pessoas idosas com apreço (Lendzion, 2002). A terceira idade foi associada à idade do lazer, sendo o início dela muito relativo, dependendo da subjetividade de quem o define em função de diversos fatores: sociais, culturais, políticos e econômicos. A velhice passou a ser representada como uma fase a ser aproveitada e, em sua esteira, concebeu-se a idéia de aposentadoria ativa a partir da imagem de que a vida começa aos sessenta anos.

A unificação de todas as idades na rubrica aposentados, sob a etiqueta terceira idade, apresenta um outro recorte nas faixas de idade: parece agora importante distinguir os jovens idosos, dos idosos velhos. Em consequência, surge uma nova expressão na nomenclatura francesa para classificar as pessoas de mais de setenta e cinco anos: é a quarta idade. A representação social que liga a terceira idade à continuidade da vida

ativa através da autonomia e das práticas de sociabilidade, associando a essa imagem à idade biológica (aposentadoria aos setenta e cinco anos), aproxima simultaneamente os representantes da quarta idade – os muitos velhos –, à imagem tradicional da velhice, ou seja, à decadência ou incapacidade física (Mcpheerson, 2000).

Nas leis da maioria das nações, é com sessenta e cinco anos de idade que se conquista o direito à aposentadoria e, socialmente, esses indivíduos são enquadrados na terceira idade, segundo Oliveira (1999). A OMS (Organização Mundial de Saúde) define como população da terceira idade aquela que atingiu ou ultrapassou a idade cronológica de sessenta anos para países em desenvolvimento e sessenta e cinco anos para os países considerados desenvolvidos.

O envelhecimento da população é um fenômeno global. Entretanto, no Brasil, segundo a OMS, entre 1950 e 2025, “a população de idosos no Brasil crescerá dezesseis vezes, enquanto que a população mundial nessa faixa

etária crescerá apenas cinco vezes" (Sozim e Oliveira, 2006).

Antes do ano de 2000, o maior crescimento no mundo foi na faixa das pessoas com mais de oitenta e cinco anos. Esse segmento cresceu aproximadamente 40% entre os anos de 1990 e 2000. Na faixa etária dos setenta e cinco aos oitenta e quatro anos, é esperado um crescimento 50% maior que as outras faixas da população idosa. Entre os anos de 2000 e 2030, os *baby boomers*³ terão chegado à idade de aposentadoria, dobrando o número de pessoas entre sessenta e cinco e setenta e quatro anos. Esse fenômeno gerará um crescimento substancial na faixa etária dos mais velhos que setenta e cinco anos durante os anos de 2030 e 2050 (Brecht, 2002).

Projeta-se que, em 2050, a média de expectativa de vida em um país desenvolvido estará um ano acima da média atual dos países em desenvolvimento e isto graças aos progressos médicos, alimentares e no estilo de vida nestes países. (Mcpherson, 2000).

Sabe-se que a expectativa de vida ativa está aumentando na maioria dos países e, em decorrência, mais idosos são capazes de aderir ao lazer ativo e às oportunidades de turismo por um período maior. Assim, bem difundido e desenvolvido nos Estados Unidos, Europa e Japão, também no Brasil, este segmento turístico está crescendo principalmente pela maior conscientização da importância da atividade física e do lazer para se ter uma vida melhor, o que induz a refletir sobre o conceito de turismo da terceira idade "como um tipo de turismo planejado para as necessidades e possibilidades de pessoas com mais de 60 anos, que dispõem de tempo livre e condições financeiras favoráveis para aproveitar o turismo" (Moletta, 2000, p.8).

Isso significa que os profissionais do lazer e do turismo devem estudar as características sociais, culturais, psicológicas e demográficas locais e regionais para que as políticas e os programas incluam e satisfaçam as expectativas e as

necessidades de um grupo etário em transformação neste novo milênio. E, adicionado a isso, também deverá ser preocupação destes profissionais a segmentação deste mesmo mercado, pois esta não pode ser por idade cronológica, em si. Esse não é um parâmetro útil ou válido para avaliar e identificar habilidades, interesses e atividades na terceira idade.

Portanto, uma nova imagem do envelhecimento é constituída a partir de um trabalho de categorização e criação de um novo vocabulário, que se opõe ao antigo, no tratamento dos mais velhos: terceira idade x velhice; aposentadoria ativa x aposentadoria passiva; centro residencial x asilo; gerontologia x ajuda social; animador x assistente social. Neste sentido, Debert afirma:

Os signos do envelhecimento foram invertidos e assumiram novas designações: 'nova juventude', 'idade do lazer', 'melhor idade'. Da mesma forma, inverteram-se os signos da aposentadoria, que deixou de ser um momento de descanso e recolhimento para tornar-se um período de atividade, lazer, realização pessoal. Não se trata mais apenas de resolver os problemas econômicos dos idosos, mas de proporcionar cuidados culturais e psicológicos, de forma a integrar socialmente uma população tida como marginalizada. (2003, p.63).

De diferentes perspectivas, debate-se a urgência de políticas sociais voltadas para esse segmento da população, especialmente em um país como o Brasil, que sempre se percebeu como jovem.

Assim, a velhice é um dos temas brasileiros que mais ganharam importância a partir da década de 80; em boa parte das cidades formaram-se conselhos de idosos junto à administração municipal e estadual, constituindo o idoso parcela da população cujas demandas são cada vez mais incorporadas às campanhas eleitorais e às plataformas partidárias.

Os meios de comunicação veiculam discussões sobre as possibilidades de um envelhecimento adequado e a simpatia da população

3. *Baby boomer* é uma referência às crianças nascidas após a Segunda Guerra Mundial, época em que as famílias eram muito numerosas

em relação à questão do idoso; com a expressão “terceira idade”, reflete a preocupação crescente com o velho como problemática nacional.

Ao mesmo tempo, diante da realidade das mudanças ocorridas em nosso padrão de crescimento populacional – maior expectativa de vida, conjugada a um efetivo declínio das taxas de natalidade, realizam-se cálculos e projeções econômicas e sociais com vistas a enfrentar, de forma equilibrada, esta nova perspectiva.

Local potencial

Assim sendo, estamos diante de um “nicho” de mercado fantástico e que merece total atenção dadas as suas peculiaridades. Daí a razão de identificar se o lugar Ponta da Tulha poderia ser um ambiente promissor e receptivo a este tipo de segmento.

Figura 2 – Praia plana, calma, sombreada e tranqüila de Ponta da Tulha



Fonte: http://www.brasilheus.com.br/realstate_por.htm

A Ponta da Tulha está localizada na direção norte, no Km 18 da Rodovia Ilhéus-Itacaré, BA 001, e pertence ao Distrito de Aritaguá, município de Ilhéus. Possui uma população local em torno de mil habitantes, com mais ou menos quinhentas habitações, sendo que cerca de duzentas são habitadas por seus moradores locais. Nas últimas duas décadas, tem ocorrido uma população flutuante, em períodos de final de ano e carnaval, em torno de dez mil pessoas, dados procedentes por mera observação de um morador local há vinte e oito anos, Sr.

Valdemar Damasceno da Silva, funcionário da Prefeitura Municipal de Ilhéus, que exerce cargo de administrador do povoado por dezoito anos.⁴

A ocupação e o povoamento da Ponta da Tulha ocorreram por esta ser parte do elo entre as cidades de Itacaré e Ilhéus, localidades com interesses econômicos semelhantes relacionados à cultura do coco e do cacau. Além disso, o local tem belíssimas e paradisíacas paisagens e praias em contraste com a vegetação atlântica, o que provocou a atração de transeuntes e sua fixação nessa área.

A Ponta da Tulha passou a despertar interesse turístico nos últimos quinze anos, apesar de a estrada de barro ter sido construída há cerca de vinte e cinco anos. Suas condições de tráfego, todavia, eram muito precárias, despertando, no primeiro momento, apenas atenção, principalmente dos moradores circunvizinhos, em especial, de Itabuna, de Vitória da Conquista e outras. Estes logo se identificaram com a possibilidade de ter, nesse local, uma segunda residência para descanso e lazer. Pessoas de outras procedências tais como: da cidade de Brasília, do Estado de Minas Gerais e outros, também adquiriram terrenos e construíram casas de veraneio, segundo observação relatada por vários moradores locais.⁵

A “Ponta da Tulha” conta com um pequeno comércio local composto de casas de material de construção, restaurante, bares/mercearias, granja, casa de frutas e verduras, padarias, bares e pousadas. Muitos desses estabelecimentos só funcionam em período de alta temporada, de novembro a fevereiro.⁶

O poder público está presente através de um administrador, de duas escolas públicas de ensino fundamental, um posto de saúde com duas enfermeiras e um posto policial. A coleta de lixo ocorre duas vezes por semana.⁷

Atualmente, a economia da comunidade local advém, na sua maioria, das construções irregulares, pois não obedecem aos trâmites legais no que se refere a registro nas instâncias

4. Informação concedida em entrevista à pesquisadora dia 04/10/03.

5. Informação concedida em entrevista à pesquisadora dia 04/10/03.

6. Dados levantados pela própria pesquisadora em outubro de 2003.6. Dados levantados pela própria pesquisadora em outubro de 2003.

7. As enfermeiras e policial para o posto policial apenas funcionam no período de alta temporada. Informação concedida em entrevista à autora dia 04/10/03 para elaboração deste artigo.

estatais pertinentes; do emprego informal (nas construções referidas); do comércio voltado para a clientela flutuante e da pesca, atividade que outrora era a principal.⁸

Diagnóstico

Para formulação de uma proposta deste nível, faz-se necessária a elaboração de um diagnóstico. Este constituirá o pilar fundamental no processo de planejamento, a base para aplicação de técnicas de investigação, análise e avaliação das informações disponíveis para compreensão do fenômeno econômico e social de tal maneira que cheguem a ser conhecidos os aspectos estruturais e conjunturais que se opõem e os que facilitam o desenvolvimento turístico (Molina, 2005).

Descrição, classificação da oferta turística e infra-estrutura

Conforme exposto, pode-se constatar que o lugar Ponta da Tulha apresenta potenciais atrativos, tais como:

Forças internas: praias mansas, extensas e paradisíacas adequadas para banho, caminhadas e pesca (vide figura 2); área territorial totalmente plana; extensa área de mata verde inexplorada possibilitando a construção de trilhas ecológicas; existência de local para construção de mirante para fotografias; área urbana calma e com uma população tradicional hospitaleira; existência de eventos tradicionais, tais como: festa do padroeiro, de São João e carnaval.

No que se refere à infra-estrutura, o lugar é atendido por transporte rodoviário regular, também pelo aéreo, serviço de telefonia fixa e serviço de energia elétrica.

Fraquezas internas: Inexistem ou são bastante precários os seguintes aspectos: esgotamento sanitário e fornecimento de água potável e canalizada; iluminação precária dentro da área urbana e inexistente na área da praia; urbanização local irregular (ruas

precárias, sem pavimentação, sem dimensionamento e sinalização adequados etc.); remoção irregular de lixo; serviço de telefonia móvel deficitário; serviço irregular de policiamento; irregularidade e falta de qualidade no atendimento de serviço médico; serviço bancário eletrônico inexistente; bem como inexistentes serviços de correio e de centro e serviço de apoio ao turista.

Equipamentos e serviços turísticos:

Fraquezas internas: Neste aspecto, o lugar fica a desejar, haja vista que não dispõe de estrutura digna para enquadrá-lo em condições de se apresentar com oferta turística adequada. As pousadas existentes são de padrão bem simples e em número insuficiente; inexistência de restaurantes, hotéis, área de camping estruturada; jardins ou praças de bate-papo; atrações noturnas e espaço para recreação, bem como posto de informação ao turista. Os bares, lanchonetes e barracas de praia existentes não apresentam padrões adequados de qualidade e política de preços competitivos, bem como inexistente o respeito à legislação referente às normas de atendimento, à saúde e ao saneamento básico.

Descrição e classificação da perspectiva de demanda

Como pode se constatar, o mercado é potencial, conforme se ratifica a seguir.

Oportunidades externas: Sabe-se que, atualmente, se identifica que o turismo receptivo do lugar Ponta da Tulha é procedente, na sua maioria, dos estados de Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Distrito Federal e do próprio estado da Bahia. Verifica-se, através de dados do IBGE (2000) importância do segmento da terceira idade conforme quadro abaixo apresentado, onde aparece o número de 14.536.029 indivíduos nesta fase da vida; 44,6% destes estão nos estados que têm maior interesse para este lugar em estudo.

8. Informação concedida em entrevista à pesquisadora em outubro de 2003.

Tabela 1 – População residente, total e de 60 anos ou mais de idade – 1991 / 2000

Estados	População residente total	População residente de 60 anos ou mais de idade, por sexo					
		Total		Grupos de idade (%)			
		Absoluto	Relativo	60 a 64	65 a 69	70 a 74	75 ou mais
Brasil	169 799 170	14 536 029	8,6	2,7	2,1	1,6	2,1
Bahia	13 070 250	1 077 901	8,2	2,5	1,9	1,5	2,3
Minas Gerais	17 891 494	1 624 981	9,1	2,9	2,3	1,7	2,2
São Paulo	37 032 403	3 316 957	9,0	2,8	2,2	1,7	2,1
Goiás	5 003 228	358 816	7,2	2,5	1,8	1,3	1,6
Distrito Federal	2 051 146	109 638	5,3	2,1	1,3	0,9	1,1

Fonte: IBGE, 2000

Análise da superestrutura

Esta parte compreende aspectos relacionados à estrutura legal e organização institucional.

Fraquezas internas: Sob este ponto de vista a carência é total uma vez que além da ausência de instituições oficiais também inexistem instituições de iniciativa privada (ONG's, associações de comunidades, de comerciantes etc); órgãos oficiais de turismo; capacitação de recursos humanos e/ou planos de desenvolvimento, de promoção ou de comercialização turístico em qualquer das esferas de poder político.

Prognóstico: uma administração inovadora para superar os desafios e aproveitar as oportunidades

Considerando o levantamento do diagnóstico, faz-se mister estabelecer um prognóstico para o lugar Ponta da Tulha. O mais importante é não deixar a população local marginalizada do processo de decisão de planejamento e implantação de atividades turísticas. Para colaborar com o turismo, a população precisa saber o que efetivamente é turismo. Quais os benefícios socioeconômicos que esta atividade traz, quais são suas vantagens e desvantagens e como a atividade deve ser planejada. O mais importante é a sensibilização da população quanto à importância que seu papel exerce no desenvolvimento do

turismo. Significa, pois, desenvolver na comunidade local o espírito de "pertencer", e eles mesmos poderem ensinar aos visitantes quais os seus costumes e hábitos importantes e que desejam que perdurem.

O engajamento da administração municipal com a população residente, com o objetivo de intensificar os investimentos em saúde, educação, transporte, infraestrutura básica (água, saneamento, coleta regular de lixo etc.) é muito importante.

A preparação de um planejamento urbano, com ênfase turística, parece ser de suma importância para o desenvolvimento sustentável do lugar Ponta da Tulha e da cidade de Ilhéus, nele sendo contidas as seguintes considerações:

- Políticas ativas de recuperação do patrimônio ambiental, impulsionando o andamento dos programas de reabilitação integrada;
- Acondicionar e administrar o patrimônio cultural para que possa responder às demandas e necessidades turísticas: ter patrimônio é importante, mas não é suficiente para ser lugar turístico de qualidade;
- Dotar o lugar Ponta da Tulha de adequada infraestrutura de acolhimento para excursionistas visitantes: estacionamento identificado, parque amplo para acampamento com infraestrutura básica (saneamento, água, energia, sanitários e banheiros coletivos), centro de recepção a visitantes e

interpretação urbana, apelos educativos à conservação do local, haja vista que os excursionistas atraídos são, em sua maioria, pessoas de baixa renda e ainda não preparadas para se preocupar com o usufruto do lugar utilizado para o seu lazer;

- Desenvolver estratégias de marketing para atrair o turismo promissor de terceira idade, considerando as condições favoráveis proporcionadas pelo lugar e também que este tipo de segmento minimiza um dos aspectos mais negativos da atividade turística, que é a sazonalidade, uma vez que existe clientela para ser conquistada durante todos os meses do ano;
- Preservar as paisagens estreitamente ligadas a simbologias do destino turístico;
- Implantar calendário de eventos, tais como: torneios de pesca, festa ao padroeiro do lugar, festa em homenagem ao São João com resgate da tradição, torneios de jogos (carteado, damas, sinuca, dominó etc.); concurso de dança com resgate a músicas dos anos 60 para trás, e outros;
- Estender pontes reais de comunicação entre as políticas urbanísticas, turísticas e de patrimônio cultural. Para isso, é necessário que se coordenem com as diversas administrações, e estas com o setor privado;
- Implementar um sistema de pesquisa que monitore constantemente as necessidades advindas da comunidade e visitantes/turistas;
- Implementar estratégias que visem atender com eficácia as sazonalidades que ocorrem no povoado em períodos de final de ano e carnaval, quando o lugar recebe, aproximadamente, 10 (dez) vezes mais pessoas que a sua população local.

Considerações finais

Em suma, planejar a atividade turística para um lugar é papel fundamental do estado. Todavia, cruzar os braços diante de deficiências

e problemas como os que estão acontecendo na Ponta da Tulha é também um erro de consequências irreversíveis.

Para reverter esse cenário, a comunidade local deverá se conscientizar que o desenvolvimento sustentável depende quase que exclusivamente dela e, portanto, deve provocar e criar as condições favoráveis para que esta situação aconteça.

Como corroborado por Trevizan (2006), embora as comunidades, os grupos sociais ou setores da sociedade desejem ter a seu favor a ação do poder público, evidências localizadas mostram como o controle da atividade turística exclusivamente pelo poder público pode tornar-se um entrave, revertendo-se em impactos negativos para o desenvolvimento.

Referências bibliográficas

- BRECHT, S.B. **Analyzing senior's housing markets**. Washington, D.C.: ULI – Urban Land Institute, 2002.
- CARLOS, A.F.A. O turismo e a produção do não-lugar. In: YAZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani A.; CRUZ, Rita de Cássia Ariza de. (Orgs.). **Turismo: espaço paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- CMMAD – Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso futuro comum**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1991.
- DEBERT, G.G. **Família, classe social e etnicidade: um balanço da bibliografia sobre experiência de envelhecimento**. BIB – Boletim Informativo e Bibliografia de Ciências Sociais. Anpocs (33), 1992.
- ELDERTREKS REVISTA ELETRÔNICA**. Disponível em: <<http://www.eldertreks.com>>. Acesso em: 4 jul. 2006.
- FERREIRA, A.M.R. Turismo Sustentável. In: MARTINS, J.C.O. (Org.) **Turismo, Cultura e identidade**. São Paulo, Roca, 2003.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Perfil dos idosos responsáveis por domicílios no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

_____. **Perfil dos idosos responsáveis por domicílios no Brasil.** Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

_____. **Censo demográfico do município de Ilhéus.** Ilhéus: IBGE, 2000.

LENDZION, C.R. **Envelhecimento e qualidade de vida.** Revista Pró-Saúde. Curitiba, PR, v.1, n.1, 2002.

MCPHERSON, B. Envelhecimento populacional e lazer. In: **Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society.** São Paulo: SESC/WLRA, 2000, p.228-249.

MOLETTA, V.F. **Turismo para a terceira idade.** Porto Alegre: SEBRAE-RS, 2000.

MOLINA, S. **Turismo: metodologia e planejamento.** Bauru: Edusc, 2005.

OLIVEIRA, A.P. **Turismo e desenvolvimento: planejamento e organização.** 3.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Temas de salud.** Disponível em: <http://www.who.int/health_topics/es/>. Acesso em: 4 jul. 2006.

OMT – Organização Mundial de Turismo. **Tendências de los mercados turísticos:** Edición para Iãs Américas. Madrid: Organización Mundial Turismo, 2000.

SCHARER, R. Turismo Sustentável: Um estudo de caso sobre a experiência da comunidade de prainha do Canto Verde no litoral do Ceará. **Pasos Revista de Turismo Y Patrimonio Cultural**, v.1, n.2, p.231-242, 2003. Disponível em: <<http://www.pasosonline.org>>. Acesso em: 18 nov. 2006.

SOZIM, M.M.; OLIVEIRA, R.C.S. **Artigo – Alfabetizar.** Disponível em: <<http://www.uniandrade.br/publicacoes/ultimas/MontaMateria.asp?CodMateria=901>>. Acesso em: 4 de jul. 2006.

TRAVASSOS, C.; BUSS, P.M. O polêmico relatório da Organização Mundial de Saúde. **Cadernos de Saúde Pública.** Out./dez., 2000, v.16, n.4, p.890-891. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2000000400001&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0102-311X. Acesso em: 15 ago. 2005.

TREVIZAN, S.D.P. (Org.). **Comunidades sustentáveis a partir do turismo com base local.** Ilhéus: Editus, 2006.

Cronologia do processo editorial:

Recebimento do artigo:	11-jul-2007
Envio ao parecerista:	01-nov-2007
Recebimento do parecer:	11-dez-2007
Envio para revisão do autor:	12-dez-2007
Recebimento do artigo revisado:	29-dez-2007
Aceite:	26-mar-2008